

SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL NA REDE EMANCIPA EM MOSSORÓ/RN

Elusiano da Silva Melo Júnior¹

Lidiane Alves da Cunha²

RESUMO

Este trabalho apresenta-se enquanto relato de uma experiência educativa na Rede Emancipa em Mossoró/RN. A oficina ministrada foi desenvolvida inicialmente na disciplina de Laboratório de Ensino de Ciências Sociais II, pensada para ser uma proposta de temática transversal no ensino médio que dialogasse acerca da importância da temática com as diretrizes e leis nacionais que dizem respeito a educação de gênero e sexualidade no país. A oportunidade de realização da mesma no Cursinho Popular Emancipa surgiu após o voluntariado para ministração de aulas da disciplina de sociologia e com ela veio o desafio de transformá-la numa aula capaz de abarcar as mais diversas realidades sociais, tendo em vista o perfil do cursinho. Neste trabalho apresentaremos o processo de criação da oficina, sua fundamentação, como se deu sua realização e finalizamos com um convite à uma educação que utilize as vivências e saberes populares como forma de facilitador para o processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Gênero, sexualidade, emancipa, educação, ensino.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta-se enquanto relato de uma experiência educativa na Rede Emancipa em Mossoró/RN. A proposta deste escrito é trazer à tona a importância de uma educação popular³ voltada para as questões de gênero, onde se obtenha o mínimo de entendimento acerca das múltiplas performances identitárias, garantindo assim um primeiro passo para o entendimento das diferenças enquanto algo digno de respeito.

A educação sexual, como também os estudos de gênero, partem da premissa de que o corpo e a mente devem permanecer em harmonia a fim de que o jovem possa desenvolver

¹ Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, elualt3@gmail.com;

² Professora Orientadora: Dr^a pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, lidianeadc@gmail.com;

³ Aqui concebida como sendo a educação que parte da construção mútua dos saberes do povo em diálogo com suas vivências.

suas capacidades de modo saudável e eficiente (PNE⁴, 1997). Sendo a escola o local onde há maior interação social nas fases iniciais da vida, é de suma importância que haja um trabalho conjunto entre todas as disciplinas para que a percepção corpórea possa atingir não somente os estudantes, como também pais de alunos, coordenação e a comunidade escolar em geral.

A sociologia, enquanto ciência social e humana, desempenha um papel fundamental, uma vez que nosso trabalho é apresentar a perspectiva social, onde a sexualidade entraria num aspecto de marcador e delimitador de ações e atitudes, alcance, emprego e afins.

Sendo assim, guiamo-nos pelo anseio a apresentar e dialogar com os alunos acerca dos conceitos gênero e sexualidade na escola e sociedade, inserindo noções sobre gênero, sexualidade, orientação sexual, apresentando suas correlações com a sociedade e mídia, buscando desenvolver uma percepção corpóreo-social de si e do outro enquanto reprodutor de performances identitárias.

2 SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA OFICINA

2.1 CRIAÇÃO DA OFICINA

A ideia sobre a oficina ministrada partiu de uma experiência acadêmica na disciplina de Laboratório de Ensino de Ciências Sociais II, onde estávamos incubidos de planejar uma oficina partindo de uma temática transversal de nosso interesse, trabalhando-a no ensino médio e levando um debate acerca da pluralidade das relações sociais.

Uma primeira parte, onde o grupo esteve atento à leituras dos PCN⁵ (1997) e PNE (2014), como também artigos de autoras como Bento (2011) e Louro (1997; 2001) e cartilhas de cunho nacional e internacional sobre as temáticas, serviu como aparato teórico para as discussões, atendo-se, contudo, à “tradução” das ideias, de modo a fazer com que os alunos realmente assimilassem o que seria dito. Em um segundo momento, ocorreu a seleção do que seria considerado mais urgente a ser trabalhado, atentando-se às nossas limitações de tempo para execução. Considerando que a oficina teria duração média de 50 minutos, o que seria pertinente a fazer?

⁴ Plano Nacional de Educação.

⁵ Parâmetros Curriculares Nacionais

Seguindo a concepção (como também realidade adquirida por meio de vivência dentro de sala de aula) de que as questões de gênero e sexualidade são, ainda hoje, pouco discutidas no meio popular - de modo a fazer com que as pessoas possam de fato compreender as outras em sua totalidade - abraçamos a proposta emancipatória da reflexão acerca do próprio homem para se fazer educação (FREIRE, 1979), onde a aprendizagem do que é ensinado parte, inicialmente, de uma reflexão dialogada com a realidade do outro.

Com isso, desenvolvemos uma aula expositiva-dialogada⁶, iniciada por uma dinâmica que visava alcançar uma sondagem dos conhecimentos dos alunos, como também fazê-los refletir acerca das coesões sociais de gênero (que são ignoradas, levadas como um fato social), partindo para a explicação do porquê se trabalhar gênero e sexualidade na escola, uma breve explanação sobre gênero, apresentação dos conceitos de sexualidade, falas sobre orientação sexual e leis e diretrizes que garantem direitos de mulheres e LGBTs⁷.

2.2 EXECUÇÃO, ESPAÇO E SUJEITOS

2.2.1 Sobre a Rede Emancipa em Mossoró

O cursinho popular Emancipa visa, segundo o coordenador da cidade, apresentar um ensino que atenda as demandas sociais de alunos oriundos de escolas públicas, como também atender a população que já concluiu seus estudos fundamentais. Para tal, e contando com o voluntariado de diversos estudantes da rede pública e privada de Mossoró, o cursinho se organiza por meio de reuniões quinzenais na UERN e dispõe de aulas aos sábados, entre 8:20hs as 16:30.

2.2.2 Sobre o espaço de realização

A oficina foi realizada no Auditório da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Nos foi destinado o horário das últimas aulas, entre 15:40 e 16:35.

No dia da execução, os professores voluntários de geografia ausentaram-se e foi preciso que a oficina, que inicialmente foi idealizada para cerca de 40 pessoas, tomasse

⁶ Onde expomos o conteúdo programado e dialogamos com o aluno de modo a considerar seus processos pessoais como ferramentas de construção de saber coletivo.

⁷ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

proporções maiores ao ser transformada em uma aula coletiva. Ao todo, compareceram 4 turmas da Rede Emancipa, totalizando cerca de 160 alunos.

2.2.3 Sobre o perfil dos alunos

Os alunos possuíam idades variadas, aparentando uma média entre 16-18 anos. A primeira vista a grande maioria presente se fazia composta por homens, que representavam a maior parte da porcentagem que fugia da média de idade. Todos eram oriundos de escolas públicas mossoroenses⁸.

3 MATERIAIS PEDAGÓGICOS

Nesta seção, discorreremos acerca dos materiais utilizados para a oficina, todos pensados de modo a gerar o máximo de compreensão e associação possível entre a realidade dos alunos e o conteúdo programado.

3.1 DINÂMICA

A dinâmica “Biológico?” que consiste em 3 momentos:

1. Perguntas acerca de atitudes que são tidas como “de homem” e “de mulher”
2. Pergunta: Qual das atividades ou instruções sociais citadas dependem do biológico?
3. Inserção sobre *O por que de se trabalhar gênero na escola*.

Ela serve para iniciarmos as discussões acerca da temática uma vez que os alunos passam a refletir que não há nenhuma atitude “de homem” ou “de mulher” que dependa do fator biológico, o que dá abertura para a iniciativa de explanação acerca da necessidade de se trabalhar gênero na escola.

3.2 SLIDE

⁸ Informação cedida pela coordenação do curso.

O slide utilizado na aula foi feito via Apresentações Google, com formatação, animações, temática e cores pensadas unicamente para a tarefa, de modo a chamar mais atenção dos alunos para o conteúdo que veio a ser apresentado. Contendo 19 slides, iniciamos, guiados pelas discussões do PNE e PCN em conjunto com a vivência prévia dos alunos retirada da dinâmica, uma discussão acerca da necessidade de se debater gênero e sexualidade na escola.

Em seguida, eram apresentadas as concepções de gênero, sexualidade, performances identitárias e orientações sexuais dentro de Louro (1997; 2001) e da Cartilha de direitos LGBT do Ceará (2017), dialogando sempre acerca da importância de se pôr em ponto de alteridade para com o outro. Para auxiliar a explicação, fizemos uso do Boneco do Gênero⁹, um desenho que exemplifica as relações corpóreo-sexuais, como também suas variáveis.

Por fim, por considerarmos que a educação emancipatória envolve o conhecimento e prática plena da cidadania, apresentamos no slide algumas leis e diretrizes que auxiliam às mulheres e comunidade LGBT em processos legais, em situações de violência, atendimento humanizado, etc.

3.3 PLANO DE AULA¹⁰

O plano de aula foi elaborado afim de auxiliar o processo de execução da oficina. Nele consta-se a ordem das atividades e preceitos que foram elaborados e discutidos em sala.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXECUÇÃO DA OFICINA

Os alunos, em sua maioria, apresentaram-se instigados a partilhar seus questionamentos, exemplos, histórias de vida e demais situações que ajudassem a ilustrar as questões abordadas em sala. Observou-se que mesmo os participantes que possuíam faixa etária acima da média de 16-18 anos ainda possuíam dúvidas com relação às múltiplas variações de performances identitárias.

As meninas e mulheres foram as que mais interagiram apesar de seu número menor, expondo situações de vulnerabilidade, trazendo assim fomento para as discussões em sala. Os

⁹ Disponível no ANEXO I. Importante explicitar que mesmo o uso em inglês não impediu seu propósito, pois o desenho era o ponto primordial para a exemplificação.

¹⁰ O plano de aula encontra-se no APÊNDICE I.

meninos e homens, em sua maioria, apresentavam-se um tanto quanto desconfortáveis em suas expressões faciais e pouco interagiam durante a aula (com exceção de 5 ou 6 meninos que estavam entre a faixa dos 16-18).

A maioria dos questionamentos levantados diziam respeito a questões relacionadas a sexualidade, sobre “como descobrir se fulano é gay?” ou “beltrana que se comporta assim é sapatão?”. Nesse sentido, consideramos mais importante, em sala, trabalhar as questões relacionadas às performances identitárias ou vivências de gênero, que não tem relação direta com sua sexualidade.

Apesar da duração estipulada de 50min, a oficina passou o tempo devido as constantes interações e dúvidas dos alunos, que iam desde a como se referir a uma pessoa transexual até a questões relacionadas a práticas sexuais. Essas dúvidas e colocações foram aproveitadas como instigação para os demais, propondo uma busca de respostas deles por eles, em diálogo com o que levávamos e as realidades apresentadas.

As medidas educacionais pautadas no diálogo entre a realidade estudada e a realidade vivida dentro dos estudos de gênero e sexualidade se tornam necessárias uma vez que o sujeito decorrente da modernidade passa a ter suas performances identitárias interdependentes das demais pessoas, resultando numa necessidade de externalização do eu em prol de uma melhor qualidade de vida (HALLS, 2006).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho acerca das relações de gênero busca criar uma conscientização acerca do processo histórico de dominação masculina e desigualdade social promovida por tal a fim de combater relações autoritárias e rigidez decorrente do senso histórico comum do que é ser homem e mulher. Outro aspecto importante ao se trabalhar gênero na escola é lidar com a violência. Devido a cultura agressiva passada aos meninos, é de extrema importância que os formadores do ambiente escolar estejam atentos e prontos para intervir em casos de violência e abuso sexual contra mulheres, LGBTs e demais que fujam da “normatividade¹¹”.

Atualmente, com o crescimento das manifestações de performances identitárias, torna-se ainda mais necessária a “reciclagem” também dos professores e direção, pois estes atuam

¹¹ Adotamos aqui o termo *normatividade* como sendo o padrão socialmente difundido e aceito de ser cis, hétero, performante de uma masculinidade e feminilidade padronizada dentro dos estereótipos históricos do ser homem ou mulher.

no papel de mediadores do conhecimento e de solucionadores de conflitos intra escolares. Para Louro escola é um espaço que

[...] delimita espaços. [...] afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos "fazem sentido", instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos. (LOURO, 1997, p. 58)

Com isso, concluímos que a escola exerce uma função instrutora de formação de cultura, baseada num sistema coercitivo de "fora pra dentro", onde a normatividade é, historicamente, atrelada a seus ideais.

Bento (2011, p. 555) afirma que há - infelizmente - uma necessidade de se livrar quem não faz parte da normatividade escolar, nesse caso, travestis e transsexuais, pois sua conduta foge dos "marcadores sociais" (LOURO, 1997, p. 43) preestabelecidos desde o nascimento. E mais além, o desejo de se livrar de pessoas que discordem da normatividade atingem os mais diversos níveis, chegando a qualificar o Brasil como sendo o país que mais mata travestis e transsexuais no mundo.

Em suma, a educação sexual na escola, como também o debate acerca de suas manifestações, precisa ocorrer para que possa haver uma melhor qualidade de vida, emancipação e permanência de alunos com situação de vulnerabilidade. Também, para que haja a diminuição de casos de violência sistematizada, por meio da conscientização acerca das identidades e do respeito entre o eu e o outro.

Para auxílio neste âmbito, entram as leis de assistência às pessoas transexuais e mulheres, as documentações nacionais que prezam pelo básico de assistência em casos "especiais" na escola. Num âmbito nacional, entra em voga o PNE¹², uma documentação que apresenta, de modo generalizado, diretrizes que garantem uma base comum de metas a serem alcançadas nacionalmente. Dentre elas, encontram-se as metas de:

¹² Plano Nacional de Educação

[...] superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação [...] formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade [...] promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do País [...] promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade [...]. (PNE, 2015)

Contudo, além de diretrizes e leis, é necessário que haja um processo lento e gradual de conscientização social, de uma educação cidadã e acessível.

Encerro essa reflexão afirmando que é necessário que nós, professores em formação, repensemos não só as metodologias de ensino clássicas sobre teóricos e metodólogos, mas que possamos preparar nossos alunos para as vivências cotidianas sensíveis, de interação e respeito para com o diferente, nos munindo de vivências, de senso comum e conhecimento popular como ferramentas de auxílio à emancipação, traduzindo a voz tão distante da academia para uma realidade palpável e coesa.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz diferença**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 19, n.2, 2011.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024 : Linha de Base**. – Brasília, DF : Inep, 2015.

_____. **O Ministério Público e a Igualdade de Direitos para LGBTI : Conceitos e Legislação** / Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, Ministério Público do Estado do Ceará. – 2. ed., rev. e atual. – Brasília : MPF, 2017.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**. 6. Ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

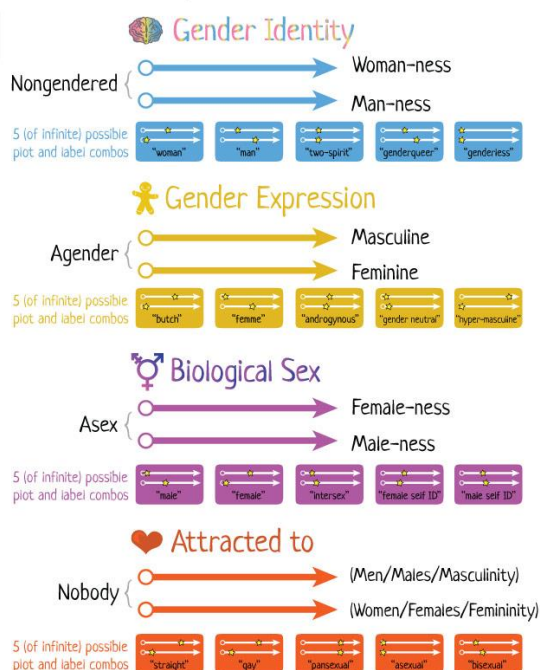
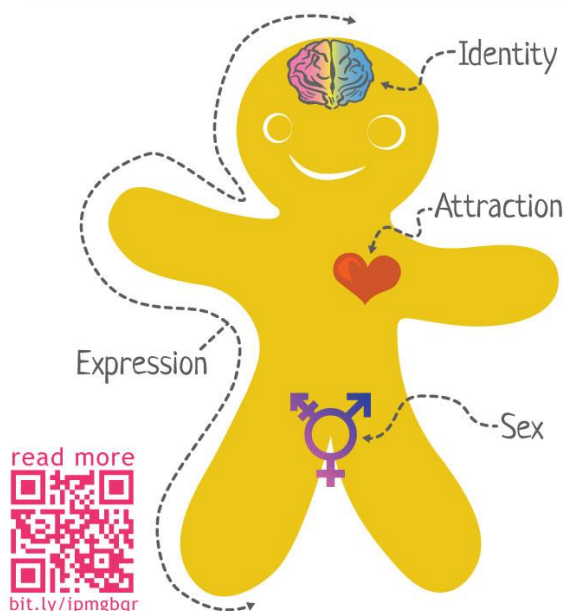
_____. **TEORIA QUEER - UMA POLÍTICA PÓS-IDENTITÁRIA PARA A EDUCAÇÃO**. Rev. Estudos Feministas [online] vol.9, n.2, pp.541-553. 2001.

ANEXOS

ANEXO I - Boneco do Gênero

The Genderbread Person v2.0 by its pronounced METROsexual.com

Gender is one of those things everyone thinks they understand, but most people don't. Like *Inception*. Gender isn't binary. It's not either/or. In many cases it's both/and. A bit of this, a dash of that. This tasty little guide is meant to be an appetizer for understanding. It's okay if you're hungry for more.



Fonte: <https://itspronouncedmetrosexual.com>

APÊNDICES

APÊNDICE I - Plano de aula

INSTITUIÇÃO: Cursinho Popular Emancipa		
PROFESSOR: Elusiano da Silva Melo Júnior.		
Nº da aula: 04	Data: 03.08.19	Carga horária: 50 min
Tema central: Gênero e Sexualidade		
Objetivos desejados		
Gerai: Dialogar com os alunos acerca do estudo sobre gênero e sexualidade na escola e sociedade.		

Específicos:

1. Apresentar noções acerca da expressão de gênero.
2. Apresentar as definições de orientação sexual, sexualidade e expressão de gênero com base nos princípios da Yogyakarta, em diálogo com a Cartilha de Direitos para LGBTI do Ceará.
3. Dialogar acerca de como essas noções estão presentes no cotidiano social, seja por meio da mídia, família, conhecidos, etc.
4. Conversar acerca da violência decorrente de questões performáticas da identidade.
5. Desenvolver um caminho para a percepção corpóreo-social acerca do jovem reprodutor de performances identitárias.
6. Dialogar acerca das recomendações contidas no PCN referente a Orientação Sexual (1997)

Conteúdos a serem trabalhados

1. Por que incluir educação sexual na escola?

- 1.1 Metas do PNE 2014.
- 1.2 Orientações do PCN - Orientação Sexual (1997, p. 291).

2. Gênero

- 2.1 Definição de *identidade de gênero* com base na cartilha Ministério Público e a Igualdade de Direitos para LGBTI: Conceitos e Legislação (2017).
- 2.2 Identidades de gênero.
 - 2.3.1 Durkheim e o Fato Social coercitivo.
 - 2.3.3 Algumas identidades de gênero comuns.

3. Sexualidade e suas formas de expressão

- 3.1 Sexo Biológico.
- 3.2 Intersexualidade.

4. Orientação Sexual

- 4.1 O que é orientação sexual.
- 4.2 Ilustração com Boneco do Gênero.
- 4.3 Algumas orientações sexuais mais comuns.

5. Algumas medidas legais...

- 5.1 Leis referentes à violência contra a mulher

5.2 Leis referentes à violência contra LGBTs

Procedimentos metodológicos/orientação didática:

1. Acolhida (15:40)

1.1 Dinâmica “Biológico?”: A dinâmica consiste em 3 momentos:

1.1.1 Perguntas acerca de atitudes que são tidas como “de homem” e “de mulher”

1.1.2 Pergunta: Qual das atividades ou instruções sociais citadas dependem do biológico?

1.1.3 Inserção sobre *O por que de se trabalhar gênero na escola.*

2. Apresentação acerca do *por que se trabalhar Gênero e Sexualidade na escola* (15:50)

3. Apresentação acerca de *Gênero* (16:05)

4. *O que é Sexualidade e quais suas formas de expressão?* (16:15)

5. *O que é Orientação Sexual?* (16:25)

6. Apresentação de Leis e Medidas Legais/Encerramento (16:30)

Estratégias/Recursos:

1. Slide
2. Projetor
3. Notebook
4. Extensão
5. “Boneco do Gênero”
6. Dinâmica “Biológico?”

Avaliação

- A avaliação da atividade ocorrerá mediante a participação dos alunos durante a realização da aula, contando empenho em perguntas, exemplos, empenho em aprender, etc.
- A sala será avaliada como um todo, tendo sua nota final reduzida caso não haja participação total da turma. Além de uma nota individual, creio que a participação coletiva da sala de aula seja o mais importante.

Referências Bibliográficas:

BOMENY, H; FREIRE-MEDEIROS, B. **Tempos modernos, tempos de sociologia**. Cáp. 3 (p. 24-34). São Paulo: Editora Brasil, 2010.

BRASIL. **O Ministério Público e a Igualdade de Direitos para LGBTI : Conceitos e Legislação** / Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, Ministério Público do Estado do Ceará. – 2. ed., rev. e atual. – Brasília : MPF, 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1997.